

## Ana Paula Vescovi

É economista e diretora-presidente do Instituto Jones dos Santos Neves

➤ Não se trata de uma crise curta ou de fácil superação, tendo em vista que há, por trás dela, problemas de natureza estrutural

# A crise nos EUA

As inovações da tecnologia da informação sustentaram um longo ciclo de ganhos de produtividade, especialmente nos países com maior capacidade educacional e institucional para absorvê-las e recriá-las. O estouro da bolha de ações na área de tecnologia em 1999 nos EUA foi um primeiro sinal de esgotamento desse padrão tecnológico.

Desde então, os EUA têm procurado outra fonte de prosperidade, inicialmente sustentada pela rápida expansão imobiliária. Mas a distribuição de renda já vinha se deteriorando, o consumo e o endividamento das famílias se expandindo, junto do intenso crescimento das despesas militares e previdenciárias. O resultado foi o aprofundamento dos déficits fiscal e externo, esse sustentado em grande medida pela China.

A recessão americana teve início com a crise imobiliária de 2007, antes da eclosão da crise financeira, em 2008. O sistema financeiro norte-americano já estava combalido pela baixa qualidade do crédito, pela existência de empréstimos fora da contabilidade dos bancos, e pela falta de regulação e de coordenação entre os Bancos Centrais mundiais. O fim do ciclo recessivo havia sido datado em

junho de 2011, como resultado de iniciativas governamentais.

Mas a recuperação revelava fragilidades: muito lenta, não gerou empregos e se restringiu à recomposição de preços dos ativos financeiros e dos lucros privados. O mercado imobiliário também não se recuperou e os lucros não se reverteram em investimentos por conta da incerteza com o crescimento da linha isolacionista do "Partido do Chá".

Este defende o fim das intervenções dos EUA na geopolítica mundial, maior fechamento da economia, defesa dos interesses das empresas americanas e redução do tamanho do governo. Uma nova rodada mundial de incertezas se aprofundou a partir do rebaixamento da classificação de risco da dívida soberana e a revisão para baixo dos números do PIB. A crise na Europa rapidamente se aprofundou.

O que fica de mensagem é que não se trata de uma crise curta ou de fácil superação, tendo em vista que há, por trás dela, problemas de natureza estrutural. Mais uma década, talvez? As expectativas de uma nova onda global de prosperidade residem no reordenamento dos fundamentos macroeconômicos e em inovações que assegurem uma fonte de ganhos de produtividade por 20 anos à frente, não necessariamente impulsionada a partir da maior economia do Planeta. O que virá de transformações sociais e geopolíticas encadeadas com esse processo consiste em importante objeto de observação.